

CASA

BRASIL
VOGUE

Nº 316
DEZEMBRO 2011
R\$ 14,90

RIO MARAVILHA

MORADAS COM VISTAS DESLUMBRANTES, AMBIENTES
QUE EXPLORAM A PAISAGEM E OS NOMES QUENTES DAS ARTES,
DO DESIGN E DA ARQUITETURA

EXCLUSIVO

ENTREVISTA GIORGIO ARMANI
DÉCOR, MODA E BEM-VIVER
REUNIDOS NO SEU NOVO
HOTEL EM MILÃO

ESPECIAL CADEIRAS
22 MODELOS PARA
ADMIRAR E SENTAR

**FIM DE ANO:
SOLOU NEVE?**
ENDEREÇOS
SOFISTICADOS EM
ST. MORITZ E BÚZIOS

**O REFÚGIO CARIOCA
DE DONATA MEIRELLES E
NIZAN GUANAES**

www.casavogue.com.br

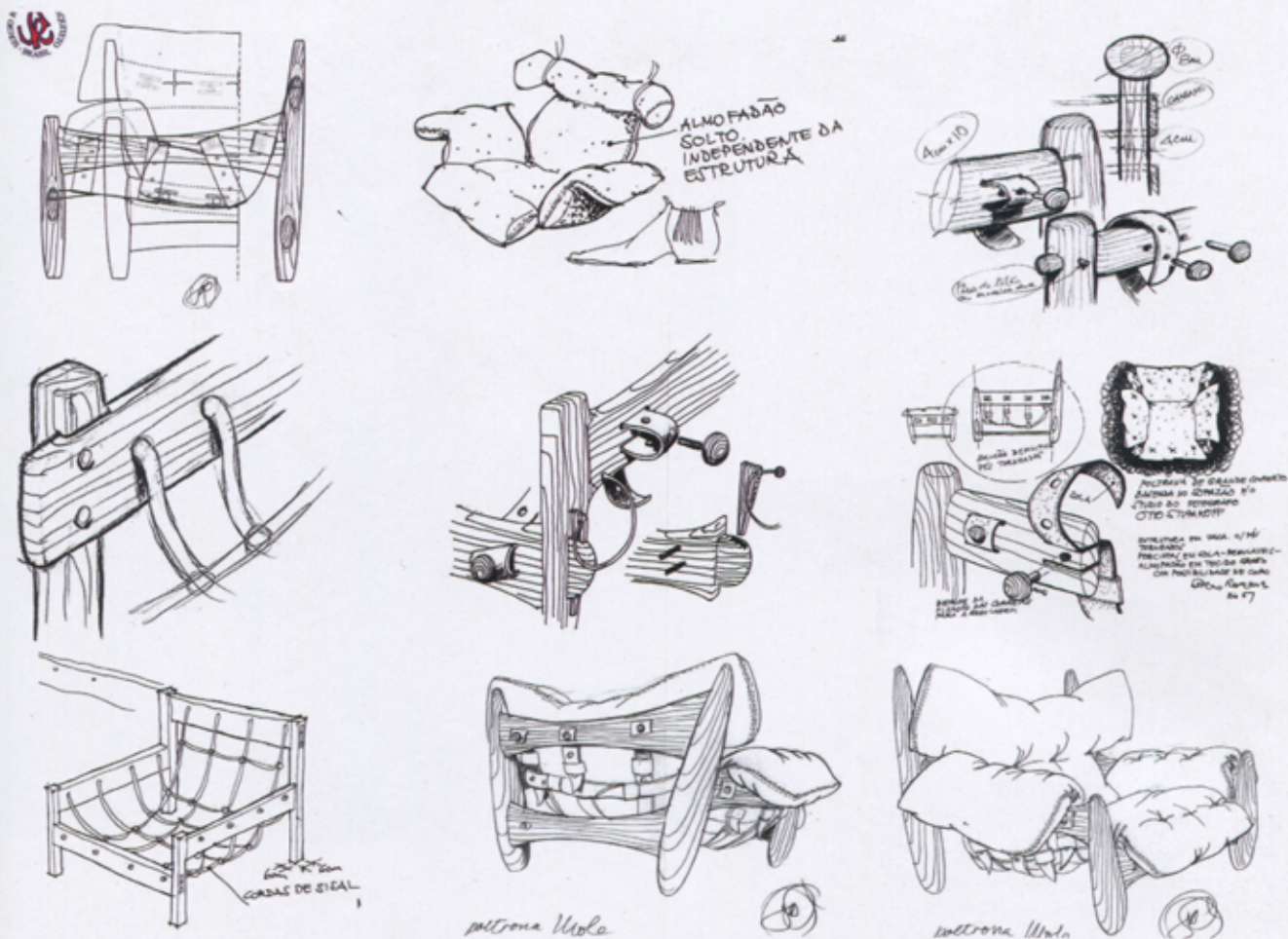
ISSN 10452370

00316

PORTUGAL €5,00
FRANÇA €8,90
REINO UNIDO £5,70
ITALIA €8,80
ARGENTINA \$22,00
USA US\$ 7,95



9 771045 237003



ESPÍRITO BRASILEIRO, GINGA CARIOCA

HÁ 50 ANOS, A POLTRONA MOLE GANHAVA RECONHECIMENTO INTERNACIONAL E TRANSFORMAVA-SE EM SÍMBOLO DO DESIGN BRASILEIRO MODERNO

POR WINNIE BASTIAN

O ANO ERA 1961. Na cidade italiana de Cantù, importante centro moveleiro da época, a poltrona Mole, do carioca Sergio Rodrigues, conquistava o grande prêmio no 4º Concurso Internacional do Móvel. O reconhecimento, segundo o júri do concurso – do qual faziam parte nomes de peso como o dinamarquês Arne Jacobsen –, devia-se ao fato de aquela peça ser a única “não influenciada por modismos e absolutamente representativa da região de origem”. Foi graças à sua originalidade que a Mole superou 438 candidatos de 27 países e ganhou destaque no cenário internacional como um ícone do design brasileiro.



Acima, a poltrona Mole; e, no alto, croquis de Sergio Rodrigues mostram os detalhes estruturais, simples e inteligentes – bom exemplo é a regulação das percintas, feita por um sistema de fendas e botões

Mas sua história começa alguns anos antes, em 1957, quando o fotógrafo Otto Stupakoff encomenda a Sergio Rodrigues um sofá “esparramado” para seu estúdio. O tal sofá, então batizado de Mole, já carregava as características que trariam fama à poltrona: uma estrutura robusta de madeira torneada que recebia percintas independentes de couro sola (fixadas com botões que permitiam regular seu comprimento), sobre as quais era displicentemente jogado – pelo menos assim parecia – um generoso almofadão em forma de gomos. Dali para a poltrona, foi um pulo.

No início, a peça não foi bem-recebida. “Eu tinha acabado de criar a loja Oca quando fiz a poltrona Mole, e ela só foi vendida depois de um ano na vitrine”, revela o designer. Sua constituição robusta, afinal, ia contra o padrão estético vigente, o dos pés palito. Foi somente após o prêmio em Cantù que a poltrona ganhou espaço no mercado: rebatizada de Sheriff, passou a ser fabricada por uma empresa italiana e exportada para diversos países. Hoje, voltou a ser produzida em nosso país, com seu nome original, e continua a ser um sucesso de vendas.

Se há 50 anos foi preciso um prêmio estrangeiro para transformá-la em ícone do design brasileiro, hoje é fácil perceber que a poltrona Mole, com sua informalidade amigável, também representa fielmente o jeito carioca de ser. ■



Sergio Rodrigues posa em frente aos croquis da poltrona Mole

“O DENGUE E A MOLEZA LIBERTINA DA SENZALA; A PREGUIÇA E O ACONCHEGO MACIO DA CASA-GRANDE – TUDO ISSO ESTÁ IMPRESSO NESSE OBJETO DE ARTE”

ODILON RIBEIRO COUTINHO, SOCIÓLOGO



A MOLE E O MAR

Na época em que Otto Stupakoff encomendou o sofá a Sergio Rodrigues, o jovem fotógrafo não dispunha de dinheiro suficiente para comprá-lo – ofereceu-se, então, para clicar as peças do designer. As fotos foram feitas na praia do Leblon. “Quando colocamos o sofá Mole (ao fundo, na foto) e os outros móveis na areia, a maré estava baixa. Mas, de repente, veio uma onda e inundou tudo. Eu estava ali do lado. Quando vi que o mar ia encharcar o sofá, coloquei as mãos na cabeça como quem diz ‘meu Deus, e agora?’, e o Otto, como bom fotógrafo que era, capturou esse momento.”